



Sara Reis da Silva
Instituto de Educação
Centro de Investigação em Estudos
da Criança, UMinho

Quando a Poesia é sensitiva

Sobre poesia lírica, escreve assim Carlos Bousoño¹: «A poesia pode *dar-nos a impressão* (ainda que essa impressão possa ser enganadora) de que, através de meras palavras, é-nos comunicado um conhecimento de índole muito especial: o conhecimento de um conteúdo psíquico *tal como um conteúdo psíquico existe na vida real*. Ou seja, de um conteúdo psíquico que na vida real se oferece como algo individual, como um todo particular, síntese intuitiva, única do conceptual-sensorial (ou axiológico -) afectivo» (Bousoño *apud* Reis, 2008: 308).

Ora, lido o mais recente volume poético da autoria de João Pedro Mésseder, não é difícil entender a poesia que aí se guarda na senda da perspectiva evocada, uma poesia lida como exemplo dessa «revitalização poética da palavra» a par do conhecimento que proporciona, da «individualidade afectiva que ela representa» e da «peculiar relação sensorial e cognitiva do sujeito poético com o mundo.» (Reis, 2008: 309) que, neste caso, é um circunscrito universo repleto de frutos, entre os quais, mirtilos.

Em *O Pequeno País dos Frutos*, João Pedro Mésseder revisita e homenageia, pois, um *topos* metaforicamente sugerido no título, Sever do Vouga, esse «pequeno país dos frutos» e, além de outros, um dos seus elementos naturais actualmente mais reconhecidos e apreciados, o mirtilo, escrevendo-o com novas palavras, palavras renovadas, revelando a sua visão subjectiva e afectiva desse mundo, partilhando as suas memórias afectivas acerca desse pequeno universo e desse pequeno fruto. Em dezanove poemas breves ou muito breves, muitos intitulados nominalmente («Silo», «Sorriso», «Doçura», «Pupilas», entre outros), outros sugerindo pequenos gestos ou acções (por exemplo, «Estender a mão»), o poeta glosa uma realidade pura e boa, viva e doce, musical, até, porque, como regista, mirtilo é uma «palavra a estalar de música» (Mésseder, 2018: 25).

A obra abre com uma composição poética da qual emerge um registo marcadamente sensorial, cruzando-se aí sensações visuais, gustativas, tácteis e olfactivas, ao mesmo tempo que se conjugam os quatros elementos da natureza (o fogo, representado pelo Sol, a terra, a água e o ar, subjacente ao verso «aspirar o perfume»). «Estender a mão»

é, pois, o ponto de partida para os restantes poemas, anunciando já, em certa medida, algumas das suas singularidades, quer do ponto de vista semântico quer no plano técnico-compositivo. Pode ler-se, assim:

«Frutos negros,
vermelhos, amarelos,
frutos que guardam
a memória do sol,
a memória da terra,
a memória da água,
frutos que fazem
estender a mão,
tocá-los com os dedos,
aspirar o perfume,
levá-los aos lábios.» (*idem, ibidem*: 9).

Presente-se o fascínio e o encanto que a variedade cromática dos frutos suscita («negros, / vermelhos, amarelos») - aliás, que a própria composição ilustrativa, assinada por Paul Hardman, testemunha, desde a capa e a contrapaca, por exemplo - e é poeticamente registado o gesto ou o movimento gradual de aproximação física, de fruição sensorial, desde o olhar e o tocar, até ao cheirar e ao saborear.

Aproximação e/ou encantamento são também alicerces semânticos do segundo texto poético, uma expressiva alegoria da génese de Sever do Vouga, assente numa estrutura encadeada de elementos naturalistas e de cores que, unidos, dão origem a um «pequeno país dos frutos». Seis dísticos repartem-se por seis páginas, partindo de uma referência espacial indeterminada (mas que se pressupõe) - «Num lugar entre montanhas» (*idem, ibidem*: 10) -, sendo, depois, enunciados quatro matrimónios que fecham com um nascimento. E de enamoramento trata igualmente o poema seguinte, «Definição», composição poética em tom coloquial e dialógico / discurso directo, na qual se casa o rio Vouga com a planta do mirtilo.

Nos concisos ensaios poéticos metalinguísticos, muito concentrados, mas muito metafóricos, que compõem a obra, muitos deles próximos do haikai, o sujeito poético propõe, assim, novas definições para as coisas, revelando sempre um olhar pessoal e afectivo sobre o real, sobre a Natureza e os seus elementos. Afectividade e espontaneidade singularizam a poesia da colectânea em análise e traduzem-se também nas di-

versas sinestésias - «doce melodia dos frutos» (*idem, ibidem*: 24) - e nas enumerações - «Uva branca, limão, tangerina (...) / Amora, mirtilo, ameixa preta» (*idem, ibidem*: 21) - muitas delas a fazerem lembrar o conhecido poema de Eugénio de Andrade intitulado «Frutos» e incluído em *Aquela Nuvem e Outras* (1986), obra que o poeta de *O Pequeno País dos Frutos* tão bem conhece. De notar, ainda, os frequentes paralelismos de construção (*idem, ibidem*: 24) e as próprias frases interrogativas (*idem, ibidem*: 24) que, em muitos casos, denunciam ressonâncias de certas formas da lírica tradicional oral, como a cantiga, como se constata nos três textos poéticos, três cantigas, que fecham a colectânea, ou a adivinha. Releia-se, a título exemplificativo, o poema precisamente assim intitulado:

«Adivinha

Qual o fruto, qual é ele
que sob um traje de trevas
esconde uma polpa de luz?» (*idem, ibidem*: 19).

O jogo trevas-luz, luz-sombra, claro-escuro ou dia-noite (diurno-nocturno) perpassa toda a obra e substantiva-se, ainda, na composição visual dicotómica que distingue inclusivamente as guardas iniciais e finais do volume e a antinomia que entre elas se celebra.

Cuidadosamente editado, *O Pequeno País dos Frutos* ostenta uma especial criação ilustrativa assinada por Paul Hardman, uma construção marcadamente elegante, viva, assente em tons fortes e contrastivos. Sabendo articular-se com os diversos segmentos poéticos, o registo pictórico prima pelas formas simples, muitas vezes, circulares, também elas simbólicas e metafóricas e, em certos casos, marcadas pela humanização dos elementos desenhados (por exemplo, alguns frutos). Evidencia, por conseguinte, muitas características que permitem aproximar esta obra do álbum poético. Provam-no, por exemplo, o poema «Sever do Vouga» e a composição ilustrativa a ele associada; o texto poético «Silo» cuja apresentação se afigura concreta ou experimental; a ligação visual entre as páginas 19 e 20, observando-se um prolongamento do anúncio de um belo azul nocturno, bem como a própria

ligação textual entre o poema «Anoitecendo» (p. 19) e a dupla página seguinte que contém as composições poéticas «A noite», «Sonhando», «Frutos do dia, frutos da noite»; ou, ainda, os poemas das páginas 22-23, «Quando o sol nasce» e «Pergunta», que fazem parte de uma página dupla cuja ilustração se encontra fortemente articulada com a semântica do registo verbal.

Terminamos, sublinhando o facto de, no decurso da leitura de *O Pequeno País dos Frutos*, se perceber que estes poemas correspondem a respostas afectivas às muitas imagens visuais – sensoriais, para sermos mais precisos – que de Sever do Vouga e dos seus mirtilos João Pedro Mésseder tem colecionado e guardado em si, um país que faz o poeta, enfim, sonhar, como nos diz a sua poesia, «Sonhando»:

«Pode o negro-púrpura ser doce
encostar-te ao seio da terra
fazer-te sugar o mel da terra?

Pousa o mirtilo na língua,
fecha os olhos
e dirás.» (*idem, ibidem*: 21).



NOTA

¹C. Bousoño (1985).
Teoría de la expresión poética. Madrid: Gredos (7ª ed.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MÉSSEDER, João Pedro (2018).
O Pequeno País dos Frutos. Alfragide: Caminho (ilustrações
de Paul Hardman). Edição com apoio da
Câmara Municipal de Sever do Vouga.
REIS, Carlos (2008). *O Conhecimento da Literatura*.
Introdução aos Estudos Literários. Coimbra: Almedina.